

## A casa colonial:

### introdução à leitura de *El loco Estero* de Alberto Blest Gana

Olga Reyes (USP/ FFLCH)

#### **SI VAS PARA CHILE**

Chito Faró

*Si vas para Chile  
(Tú) te ruego que pases  
por donde vive mi amada  
es una casita  
muy linda y chiquita  
que está en la(s) falda(s)  
de un cerro enclavada,  
la adornan las parras,  
la cruza un **estero**  
y al frente hay un sauce  
que llora, que llora  
porque yo la quiero.*

*Si vas para Chile  
te ruego viajero,  
le digas a ella  
que de amor me muero.*

*El pueblito se llama "Las Condes"  
y está junto a los cerros y al cielo  
y si miras de lo alto hacia al valle  
lo verás que lo baña un **estero**  
campesinos y gente(s) del pueblo  
te saldrán al encuentro viajero  
y verás como quieren en Chile  
al amigo cuando es forastero  
(grifos do autor)*

O cenário, nesta que se tornou uma canção popular, de autoria de Chito Faró, é apresentado a um forasteiro pelo olhar de um chileno longe de sua terra natal. Na primeira parte da canção, pinta-se um quadro de um ambiente rural, com uma casa linda e pequena aos pés do morro, próximo ao riacho, enfeitada por algumas videiras e por um salgueiro. Na segunda parte da canção, o autor localiza a casinha no antigo povoado agrícola chamado *Las Condes*, atualmente um município da cidade de Santiago que contém um importante centro comercial. Tanto na primeira parte da

canção, quanto na segunda, a palavra *estero* é repetida em diferentes contextos, a saber, *estero* no Chile significa riacho. No início ele aparece compondo a paisagem que envolve a casa. Depois essas águas se transformam em um meio de subsistência de um povoado, pois toda a cidade começa a se desenvolver graças ao rio, que lhe permite o plantio, a pesca, a água, o meio de transporte etc. Notemos que, na canção, o autor nos diz que se olharmos de cima em direção ao vale veremos que o povoado é banhado por um riacho. A cidade de Santiago está num vale formado pela Cordilheira dos Andes de um lado e pelas montanhas do litoral do Pacífico de outro. A cidade é cortada pelas águas do Rio *Mapocho* que nasce na Cordilheira, atravessa vinte *comunas*, sendo *Las Condes* uma das primeiras, para desembocar no Rio *Maipo*. No estribilho notamos que Faró nos faz um pedido para visitar esses locais mencionados na canção.

Assim como em “Si vas para Chile”, também no romance *El loco Estero: recuerdos de la niñez*, vemos a cidade de Santiago por meio de uma viagem, no tempo, revivendo a primeira infância desse autor-narrador, em 1839, em sua antiga casa colonial.

Uma boa porta de entrada para o romance de costumes, aqui estudado, é o título *El loco Estero: recuerdos de la niñez*. O qual será analisado neste trabalho.

Dentro da trama, Estero é o sobrenome da família de dom Martín Estero (p. 22), um galego “puro”, de costumes arraigados, que veio graças ao baixo preço da terra, na época do rei, e se casou com uma chilena de “família muito respeitada”.

Eles tiveram três filhos: Julián, Manuela e Sinforosa. Na época da Revolução pela Independência, dom Martín se salvou do desterro, graças à influente família de sua esposa. Como patrimônio, ele deixou uma chácara de trezentas quadras em *Chuchunco* e duas casas na rua “del puente” próxima à praça de Abastos.

Julian Estero é um ex-capitão do exército liberal chileno<sup>1</sup>, que após perder a batalha contra os conservadores, perto do rio Lircay, em 1830<sup>2</sup>, acaba sendo

destituído do cargo. Após a derrota, ele e seus colegas se tornam conspiradores contra o governo do ministro Diego Portales<sup>3</sup> (1793-1837), o mais importante homem do governo conservador. Mas não somente fatores políticos levam Julián à prisão. Com a morte dos pais, Julián herda a chácara, sob um contrato que lhe obrigava a fazer constantes melhorias no imóvel e herda também as duas casas. Julián, vendo que as irmãs só receberam o dote, compra uma casa colonial, que contém duas casas, uma grande e outra pequena, para viver com elas. No entanto, o fato de sua irmã, Manuela, não aceitar a divisão da herança feita pelo pai, a leva a elaborar um plano para prendê-lo no quarto do saguão da própria casa, alegando freqüentes acessos de furor e até mesmo loucura, causados pelo seu temperamento intempestivo.

A terrível Manuela Estero de Cortazar, obsessiva e manipuladora, não mede esforços para seqüestrar Julián na própria casa e apoderar-se da herança do pai. Ela é casada com Matías Cortazar, um funcionário público, passivo e medroso, que não é capaz de pôr fim à relação extra-conjugal da esposa com o major Quintaverde. E prefere sentar-se no fundo do quintal e esconder-se atrás das páginas de *Robinson Crusó* ou *Chileno consolado en su presidio* de Juan Egaña.

A terceira irmã é Sinforosa Estero de Linares, é casada com Agapito Linares e tem uma filha, Deidamia Linares Estero. Eles são totalmente dominados por Manuela (p. 39). Agapito tem uma personalidade imatura e infantil. Incapaz de levantar a voz para escolher o pretendente de sua filha.

Evidenciadas as verdadeiras circunstâncias que envolvem a prisão do ex-capitão, a narrativa caminha para a elaboração de um plano de libertação do prisioneiro doméstico, elaborado pelo amigo Carlos Díaz. Este apelidado, no colégio, de “ñato”, chilenismo dado às pessoas de nariz achatado; ele é um jovem de vinte anos, idealista, vivaz e orgulhoso, que se apaixona pela bela Deidamia Linares, cuja tia se opõe com veemência ao namoro da sobrinha, por já ter vislumbrado para a

menina outro pretendente, Emilio Cardonel, sobrinho do major Quintaverde. Carlos Díaz, El “ñato”, será o protagonista e herói de ligação de todo o romance.

Assim como na canção, o significado da palavra Estero, no romance, também pode significar riacho. Chamada a princípio de “Santiago de Nueva Extremadura”, foi fundada dia 12 de fevereiro de 1541, por Pedro de Valdivia, em homenagem ao apóstolo patrono do exército espanhol. A cidade de Santiago do Chile foi estrategicamente construída em meio aos dois braços do Rio *Mapocho*. Um que mantém o seu percurso até hoje, porém sendo mais largo, e posteriormente foram construídas paredes para conter o fluxo das águas. O outro braço, mais estreito, deslizava pela Alameda, antigamente chamada de *las Delicias*, também conhecida como *La Cañada* e hoje dedicada ao libertador Bernardo O’Higgins. Esses dois braços mais à frente se juntavam e isolavam a parte de terra entre eles. Diz o historiador Luis Galdames:

*Fué precisamente en este punto donde Valdivia empezó el trazado de Santiago. El cerro era una fortaleza y los brazos del río como murallas. Calles paralelas partían al pie del Huelén (cerro Santa Lucía), en dirección de Este a Oeste, hasta alcanzar un largo como de catorce cuadras (GALDAMES, 1985, p. 94).*

Um terceiro significado possível de ser extraído desse título caminha para o lado simbólico do rio; apoiado nos textos heraclitianos<sup>4</sup>, podemos aproximá-lo a uma linha do tempo. Heráclito mostra o fluir incessante de águas sempre diversas e compara a realidade dinâmica do rio à realidade presente na própria vida do homem. O filósofo grego também considera que tanto as águas como o homem não conseguem manter uma relação unívoca e permanente, porque estão em constantes mudanças. E essa idéia deixa clara a impossibilidade de entrar duas vezes no mesmo rio. Heráclito trabalha com duas mudanças, uma exterior e outra interior, na mesma pessoa que desce as águas de um rio. Na sua exterioridade, as águas que vêm são sempre diversas e, interiormente, a mudança é análoga. A realidade do rio é um

processo, e a realidade da vida e da alma humana também. Ou seja, o fluxo das águas do rio remete ao passar inexorável do tempo e, quer se trate de um indivíduo ou de uma nação imersos nessas águas, eles não permanecem os mesmos ao longo do tempo.

Em suma, uma das bases deste estudo se justifica a partir do próprio título que condensa estas três idéias: 1) a de personagem como um “indivíduo histórico real”, ou seja, Don Julián Estero, que representa uma fatia da sociedade chilena, a qual chegou a levantar-se com armas para defender as idéias liberais; 2) a do “espaço” físico da cidade de Santiago do século XIX, que foi fundada entre os braços do rio *Mapocho*, que pode ser considerado um “loco estero” pois por várias vezes chegou a causar enchentes e destruições; e 3) a de “tempo”, que está estreitamente relacionado ao conceito de História e Memória, pois esses dois elementos são facilmente identificados logo nas primeiras páginas do romance. Estes três fatores, indivíduo histórico, espaço e tempo, constituem a idéia bakhtiniana de “cronotopo artístico-literário”. Para Mikhail Bakhtin (1975, p. 212), o processo de assimilação desses elementos tirados da realidade e a sua elaboração artística determinam a imagem do indivíduo na literatura, pois essa imagem para ele é “fundamentalmente cronotópica”.

De modo resumido, *El loco Estero* conta a história de duas famílias diametralmente opostas que convivem num mesmo terreno. Na casa pequena, vive a família Estero, já descrita. E na casa grande, vive a família Cunningham, família patriarcal e conservadora que, na visão de Blest Gana, representa a estrutura de poder dessa sociedade pós-colonial. A cena escolhida para abrir o romance é o almoço na casa paterna, pois o autor escolheu o sobrenome de seu pai para esses personagens e sua casa de infância para as cenas da primeira parte da obra. Gaston Bachelard<sup>5</sup> diz, na *Poética do espaço*, que a casa da infância não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história, mas também pelos

sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Pois ao retornarem as lembranças da casa paterna, nos transportamos ao país da “Infância Imóvel”.

Reafirmando a importância espacial, diz Leland Roth, em *Entender la arquitectura*<sup>6</sup> (2003, p. 9), que o que construímos à nossa volta conserva parte de nossa identidade, pois a construção vai muito além de suprir as necessidades, sendo uma forma de expressar valores e sentimentos através de seus elementos: madeira, pedra, metal, gesso e plástico. A arquitetura é uma forma de arte em que habitamos, além disso, ela afeta e condiciona o comportamento humano. Eduardo Secchi, arquiteto chileno, em *La casa chilena hasta el siglo XIX* (1952, p. 4) diz que toda a “conditio” humana costuma estar refletida na casa, clima, costumes, posição social, e que até a política e a religião formam parte do conjunto. A “casa solariega chilena”, segundo ele, é a “única forma da arquitetura espanhola que chegou a chilenezar-se, a constituir um caso típico”, porém está em extinção por causa do progresso. Hernán Poblete Varas em *Alberto Blest Gana y su obra* (1995, p. 235) conta sobre a casa da infância do autor:

*1909 es el año de El loco Estero, su gran despedida. Podemos imaginarlo en el escritorio de su casa de la Rue Christophe Colomb, la cabeza blanca, entornados los ojos, vuelta la mirada interior hacia el Chile de la infancia. Recuerda la casona colonial, situada frente el Cuartel de Artillería, casi a la altura del roquerío desierto que era el Cerro Santa Lucía, a pocos pasos del Convento del Carmen Alto. Apenas separada de la suya y dentro del mismo predio, la casa de los Otero, dueños de la propiedad, y — en ella — el cuarto donde gemía el loco. Al fondo en la huerta, los árboles frutales y la charla de los pájaros destacándose sobre el silencio de la tranquila ciudad.*

## Referências

BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

BLEST GANA, Alberto. *El loco Estero*. Santiago: Editorial Pomaire, 1971.

GALDAMES, Osvaldo Silva. *História e geografia do Chile*. Santiago: Universidade do Chile, 1985.

ROTH, Leland M. *Entender la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gali, 1993.

SECCHI, Eduardo. La casa chilena hasta el siglo XIX. *Cuadernos del Consejo de Monumentos Nacionales*, Santiago, n. 3, 1952.

## Notas

---

<sup>1</sup> Exército liberal chileno = conhecido por “pipiolo”.

<sup>2</sup> Batalha de Lircay em 1830.

<sup>3</sup> Diego Portales.

<sup>4</sup> Heráclito de Éfeso, filósofo pré-socrático.

<sup>5</sup> BACHELARD, 1993, p. 25.

<sup>6</sup> ROTH, 2003, p. 9.